

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



ESPÓLIO DE CERÂMICAS FINAS ROMANAS E SEPARADORES DOS FORNOS DO MORRAÇAL DA AJUDA (PENICHE, PORTUGAL)⁵

Eurico Sepúlveda¹, Guilherme Cardoso², Catarina Bolila³, Severino Rodrigues⁴, Inês Ribeiro⁵

RESUMO

Na persecução dos estudos e das análises a que temos vindo a fazer ao espólio cerâmico romano, obtido desde 1998 neste sítio arqueológico tivemos como objetivo principal o estudo do material anfórico para o qual se publicou muito recentemente (2016) uma tabela crono tipológica desta produção. Pretendemos com esta nossa nova comunicação apresentar um estudo sobre a cerâmica fina, sobre as imitações, suas tipologias e produções locais, neste caso baseado na análise das pastas em que foram efetuadas, assim como, tentar apresentar mais uma pista, que se torne em uma outra ajuda com o fim de obter a origem de Lúcio Arvénio Rustico, o “fundador” desta olaria romana.

Palavras-chave: Cerâmicas finas, Importação, Produções locais, Tipologia, Peniche.

ABSTRACT

In the sequence of the studies and analysis we have been making to the Roman pottery assets, obtained since 1998 at the archaeological site of Morraçal da Ajuda, Peniche, the main goal was the study of amphorae fragments, that was made, recently (2016), and had as result a chronological and typological table of the production. With this paper we intend to present a new study concerning other pottery assets, such as fine wares, imitations of thin walled pottery, typologies and productions, based on chemical analysis of their fabrics, as well as trying to present new clues that might be of great help to understand the origin of *Lucius Arvenius Rusticus*, the *figlina*’s “founder”.

Keywords: Fine wares, Thin walled imports, Local productions, Typologies, Peniche.

1. INTRODUÇÃO

A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche, identificada em 1998 durante a construção de um court de ténis (Cardoso, Gonçalves e Rodrigues, 1998), conta já com a identificação de quatro fornos cerâmicos, várias entulheiras e algumas estruturas de apoio à produção.

Apresenta ainda um trabalho de investigação que nos últimos 19 anos pôs a descoberto o espólio cerâmico

deste centro produtor, que terá laborado entre o último quartel do século I a.C. e o final do século II, inícios do III.

A contínua utilização agrícola dos terrenos nos séculos seguintes levou à destruição de grande parte das estruturas, e no século XX novas construções urbanas puseram em causa a integridade do espaço. Contudo, as várias escavações arqueológicas levadas a cabo pela equipa desde 1998 e as várias campanhas de trabalho de laboratório e inventário per-

1. Associação Cultural de Cascais; euricosepulveda@gmail.com

2. C.A.L., Câmara Municipal de Lisboa; gijpcardoso@gmail.com

3. Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa; catarinabolila@hotmail.com

4. Associação Cultural de Cascais; severino.rodrigues@cm-cascais.pt

5. Associação Cultural de Cascais; inesribeiro_@hotmail.com

mitiram identificar e estudar até ao momento mais de 10.000 fragmentos que nos contam a realidade deste centro produtor.

Localizada na costa atlântica da província da Lusitânia, esta produção anfórica estaria relacionada com a atividade piscatória da região, bastante rica à época tal como nos dias de hoje. A abundância das matérias-primas disponíveis para esta laboração também estará por trás da escolha do local, bem como uma posição privilegiada nas rotas marítimas que facilitaria a exportação dos produtos finais.

Terão sido estas as razões que levaram o seu proprietário/produtor *Lucius Arvenius Rusticus* a implantar esta “fábrica” na ilha de Peniche, desenvolvendo aqui a sua indústria. A presença de várias marcas de oleiro identificadas, até ao momento, em fragmentos de ânforas de produção local (muitas delas deformadas) com a sua marca, atesta a relação de proprietário e propriedade. Esta marca identifica ainda e até ao momento a difusão dos produtos desta olaria por toda a antiga província da Lusitânia (Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda, Ribeiro, 2016), confirmando a importância deste centro produtor. A descoberta deste sítio arqueológico permitiu também conhecer melhor a presença romana nesta zona. A existência de uma olaria dedicada à produção anfórica conduz à possibilidade da presença de um centro de produção de preparados piscícolas nas redondezas, apesar de até ao momento não ter sido ainda identificado.

Com o decorrer da investigação tornou-se claro que a produção de ânforas para o transporte de produtos piscícolas era a principal laboração da *figlina*. Milhares de fragmentos foram identificados, muitos deles com visíveis marcas de deformação resultante de más cozeduras, mas que mesmo assim permitiram a criação de uma tipologia específica para as produções da *figlina* do Morraçal de Peniche (Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda, Ribeiro, 2016), resultado de um “desafio” colocado à equipa de arqueólogos que estudam o sítio no Congresso Internacional Lusitanian Amphorae: Production and Distribution em 2013.

A criação de uma tipologia passava também por uma necessidade de diferenciar a produção de Peniche das restantes produções, hispânicas e não só, tendo em conta as particularidades de certas formas estudadas, aliando aos tipos de fabrico identificados até então (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006). Mas a produção cerâmica na *figlina* do Morraçal, não se limitou aos tipos anfóricos, estando identificadas

outras produções como as de cerâmica comum, cerâmica de construção e até mesmo cerâmicas finas, alvo de estudo no presente artigo.

2. CERÂMICA DE PAREDES FINAS

Definimos estas cerâmicas romanas como sendo aquelas que eram utilizadas à mesa para ingerir líquidos, onde estão incluídos os copos, os cálices, as taças e as pequenas bilhas. Estas cerâmicas, durante o período republicano e princípios do principado, não possuíam engobe, o qual só aparece, posteriormente, com gamas do laranja, que poderiam apresentar, além disso, brilho intenso. Foram muito populares na Península Ibérica, durante um período de tempo que vai desde o séc. I a.C. e os finais do séc. I d.C., onde foram substituídas no mercado “global” romano de então, pelo vidro, não deixando de ser, em tempos republicanos, mais uma das provas de romanização dos povos indígenas. A sua cópia é, pois, muitas vezes efetuada nas olarias das províncias romanas da Tarraconense, da Bética e da Lusitânia. Especialmente, as produções da *figlina* do Morraçal da Ajuda serão objeto do nosso estudo, tendo como ressalva o alerta de Françoise Mayet quando afirma que “... il est difficile et dans ces conditions de séparer nettement des produits importés des imitations locales” (1975, p. XIII).

2.1. Importação com origem itálica

Seguidamente, iniciaremos o nosso estudo pelo único fragmento que pensamos, atendendo às características da sua pasta e cor, que varia entre o laranja e o creme, seja proveniente de importação itálica. Trata-se de um fragmento de parede de taça carenada com ranhura a defini-la (Figura 1, nº 11), à qual não foi possível a atribuição de uma forma, apesar de termos encontrado um exemplar idêntico, ou bastante semelhante, apresentado por Mayet para Conimbriga. Trata-se de um exemplar da forma Mayet XXXIV (1975, Pl. XXXV, nº 282), cuja característica é, no entanto, ter uma espessura reduzida, tipo “coquille d’œuf”⁶, como o exemplar do Morraçal, motivo porque seja passível de o incluir nesta categoria, na medida em que a sua espessura varia entre os 1,5 e os 3mm. Convém também ressaltar o facto de que este fragmento apresenta um diâmetro maior para o que é comum nestas formas apresentadas por

6. Mayet, 1975, pp. 69-71.

Mayet. Devido à exiguidade da peça, não arriscamos qualquer atribuição cronológica.

2.2. Produção do Morraçal da Ajuda

Do espólio obtido durante as várias intervenções arqueológicas levadas a cabo na *figlina* do Morraçal da Ajuda, em Peniche, iremos apresentar o estudo referente à produção de cerâmica comum fina e que pensamos poder ter como base a cópia de protótipos de paredes finas.

O primeiro grupo é constituído por quatro taças (Figura 1, nº 1- 3, e 12) da forma Marabini LVII, que se caracteriza por ser “two handled, shallow, conical cups” (Marabini Moevs, 1973, pp. 136, 167 e 168), em que as duas asas partem da base, não apresentando engobe. Podemos verificar esta mesma característica nos fragmentos exumados na *figlina* do Morraçal. Em relação à taça com o nº 1, esta foi encontrada toda fragmentada, e após trabalhos de restauro ofereceu um perfil completo da mesma, embora nos pareça que a parede sofreu um ligeiro achatamento, o que determinou um perfil menos rectilíneo do que a forma de Cosa, apresentada por Marabini. Não é despidiando apresentar a hipótese de se poder tratar de uma variante local, o que nos leva, no entanto, a questionar qual o modelo que os oleiros do Morraçal utilizaram quando produziram estas taças.

A cronologia apontada pela autora, para esta forma, corresponde a um intervalo de tempo que vai desde os finais de Augusto até inícios de Tibério, com a possibilidade de atingir o principado de Cláudio (*idem*, p. 136 e 168). Os paralelos que encontrámos foram apenas os apresentados por Marabini para Cosa, estando ausentes em: Alcácer do Sal, Alcáçova de Santarém, *Bracara Augusta*, Castelo da Lousa e Conimbriga.

O grupo seguinte é o segundo mais abundante em peças de todos os conjuntos apresentados, com sete elementos (Figura 1, nº 4-8, 10 e 22), só suplantado pelo conjunto dos separadores. Trata-se, então, de uma taça hemisférica, do tipo Ricci 2/412 (Ricci, 1985, p. 292, tav. XCIII, nº 8), com o bordo espessado no interior, tendo diâmetros que variam entre os 70 e os 180mm, o que nos leva a pensar que os diâmetros maiores deverão corresponder a possíveis variantes desta forma. Falta também a canelura a todos estes exemplares por nós apresentados, que a caracteriza, tal como acontece a uma taça decorada com barbotina, atribuída também a esta forma, encontrada em Conimbriga (Mayet, 1975, Pl. XLV,

nº 378)⁷. Ricci aponta, para estes exemplares, uma cronologia do principado de Augusto, enquanto o exemplar de Conimbriga, referido *supra*, e atendendo à decoração que apresenta, tem uma cronologia da segunda metade do século I (*idem*, p. 79).

Um outro fragmento de bordo de vaso globular (Figura 1, nº 18), pertence à forma Mayet XXI, cujo colo se caracteriza por ser vertical, terminando num bordo oblíquo (Mayet, 1975, p. 56). Trata-se de uma forma muito popular em sítios arqueológicos de cronologia romana, com diacronias de Augusto-Tibério, tais como Alcácer do Sal, Alcáçova de Santarém, Castelo da Lousa e Tróia (inédito).

O próximo fragmento (Figura 1, nº 19) diz respeito a uma forma atribuível aos denominados “potinhos” alentejanos, com um colo ligeiramente extrovertido e lábio espessado. Estes “potinhos” são característicos dos espólios das necrópoles do Alto Alentejo, e tentariam copiar a forma precedente (Nolen, 1985), sendo muito vulgares em sítios com cronologias que se inserem “desde os inícios do século I a.C. até à época de Cláudio- Nero (*idem*, 1993, p. 58).

O fragmento de bordo convexo (Figura 1, nº 23) pertencerá provavelmente a uma “taça de perfil globular” (Passelac, 1993, p. 515) da forma Mayet X, se atendermos à largura da boca que possui um diâmetro de 116mm. São taças que possuem duas asas em que, por vezes, o bojo não é decorado, o que se torna em exceção, visto que normalmente apresenta vários tipos de decoração, desde o guilhochis à barbotina. A cronologia considerada está concentrada em período republicano e inícios do principado (75/10 a.C.). A esta mesma forma pensamos pertencer o bordo que apresenta uma ranhura a definir o lábio que, por vezes estas taças biansadas possuem (Figura 1, nº 9). Os paralelos encontrados para o atual território português são em quantidade moderada e estão presentes em: Alcácer do Sal (inédito), Alcáçova de Santarém, Castelo da Lousa e Setúbal (RAJG, 19, no prelo).

O fragmento de bordo com ranhura (Figura 1, nº. 17) poderá pertencer a uma taça carenada de tipo Ricci 2/433 (1985, p. 283 e 284, Tav. XCI, nº 10) ou, ainda, à forma Mayet XXXIII, embora se trate de uma taça hemisférica com “rainure peu profonde” junto ao

7. Um fragmento idêntico ao nº 8, já tinha sido por nós apresentado em 2006, aquando do Simpósio Internacional de homenagem a Françoise Mayet, tendo sido classificado como de tipologia imprecisa (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006, p. 273, nº 171).

bordo (1975, p. 68, Pl. XXXIV, nº 269). Atendendo às diacronias apresentadas para as duas formas indicadas, ambas com cronologia de Augusto-Tibério, enquadram-se dentro dos parâmetros indicados para os inícios de laboração da olaria romana do Morraçal da Ajuda.

Seguidamente o fragmento (Figura 1, nº 25) diz respeito a um bordo de “...taça de perfil hemisférico e com bordo vertical” (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006, p. 271, fig. 26 e p. 272), espessado no interior. Este fragmento foi considerado como pertencente à forma Mayet XXXIII, com a mesma diacronia que o fragmento anterior.

Outro fragmento de bordo (Figura 1, nº 24) deverá pertencer a um copo da forma 2B na tipologia das cerâmicas de paredes finas de Mayet, (1975, p. 27, Pl. III, nº 17), com perfil fusiforme, tendo o bordo oblíquo e marcado no arranque do corpo. Estes copos estão presentes em Alcácer do Sal, Alcáçova de Santarém⁸ e Setúbal, e a sua cronologia deverá pertencer a meados do século I a.C.

Outro bordo (Figura 1, nº 29) proficuamente moldurado, pensamos poder classificá-lo como pertencente a uma taça de perfil globular da forma Mayet XXXII, com cronologia entre 20 e 60 d.C., que nos parece ser a simbiose perfeita entre os nºs 238 e 239 apresentados pela investigadora francesa (*idem*, 1975, pp. 64-66 e Planche XXX). São pouco abundantes em sítios arqueológicos de época romana, no atual território português, no entanto constam dos espólios de *Bracara Augusta* e de Tróia (inédito).

O pequeno fragmento de bordo (Figura 1, nº 16) poderá ser, com sérias reservas, considerado como uma cópia de uma taça hemisférica da forma Mayet XXXVII, pois não apresenta o bordo marcado por uma ranhura⁹. Rui Morais (2010, pp. 163 e 168, Est. XIII, nº 55), para o espólio do Castelo da Lousa, apresenta bordo de inclinação idêntica, classificando-o como Ricci 2/223, com cronologia de Cláudio aos Flávios.

A um copo da forma Mayet XIV (*idem*, p. 52, Pl. XXIII, nº 176) parece-nos pertencer o fragmento de bordo, com lábio ligeiramente extrovertido e arran-

que de parede a tender para o convexo (Figura 1, nº 30). Estes copos estão presentes em sítios datados com ocupação romana dos finais do séc. I a.C. e inícios do séc. I d.C. Em Santarém constam do espólio estudado por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa (2003, pp. 274-275, nº 188), assim como em Miróbriga-Chãos Salgados (Nolen, 1976-77, pp. 437, Est. IV, nº 8).

Dentro do grupo dos fragmentos inclassificáveis considerámos os seguintes fragmentos de bordo:

- Bordo com lábio espessado (Figura 1, nº 20), com possível paralelo em *Bracara Augusta* classificado por Rui Morais como pertencente a uma taça da forma Mayet X (2005, pp. 299 e 329, nº 20), com cronologia de finais da República a inícios de Augusto.
- O bordo com lábio voltado para o interior (Figura 1, nº 28), que deverá pertencer a uma taça que tem precisamente como possível paralelo na Alcáçova de Santarém, o nº 188 (Arruda e Sousa, 2003, pp. 274/5), embora o fragmento do Morraçal apresente uma pasta arenosa e com um “engobe” (?) de cor negra.
- A próxima peça (Figura 1, nº 21) é um bordo com arranque de pança que será possivelmente reta e que poderá ter uma forma que coadune com a de um exemplar do museu Arqueológico de Barcelona, trazida à estampa por López Mullor, que lhe atribuiu a forma LXIX por analogia relativa com as taças de terra *sigillata* itálica da forma “Oberaden 9 del servicio I”, (1990, pp. 441 e 444), sem cronologia definida.
- Também o bordo (Figura 1, nº 26), devido à exiguidade da peça não foi passível de obtenção de qualquer tipo de classificação.
- Um outro fragmento (Figura 1, nº 27) atendendo ao seu perfil, parece-nos mais uma tentativa grosseira de copiar taças do reportório da *terra sigillata* do que cerâmicas de paredes finas. A taça, que nos parece ser carenada, apresenta uma canelura bem acentuada, embora pouco espessa na carena, a partir da qual, tudo indica que as paredes obliquariam no sentido da base. Todas estas características do perfil nos fazem lembrar as taças Drag. 24/25, que apresentam cronologias vastas desde 15 – 100 d.C.
- Terminamos com um fragmento (Figura 2, nº 39) que nos suscitou sérias dificuldades pois trata-se de uma pequena parede de perfil globular, com zona decorada por canelura, e com o

8. Parece-nos ter como paralelo o fragmento de bordo, nº 30, apresentado para este sítio arqueológico, por Arruda e Sousa, (2003, p. 248-250).

9. A possibilidade de ser um vaso da forma Mayet XIII não será de deixar de ser ponderada o que iria implicar cronologias mais altas ou seja de Augusto e Tibério.

arranque de uma asa que tanto poderá pertencer a uma taça da forma Mayet X como a uma bilha Mayet LXIII, muito remotamente.

Bilhas

Os fragmentos de bilhas que foram encontrados, durante as escavações efetuadas na sondagem 1, nas camadas 1 e 2D (S1-C1, e S1-C2D), no ano de 2002, não ultrapassam as 5 unidades (Figura 2, nºs 34-38). O seu tamanho atinge, nos três maiores nºs 34, 37, e 38 a boca e todo o colo, terminando na inflexão que faz a ligação à pança, enquanto os mais pequenos nºs 35 e 36 são mais curtos pois só apresentam a boca. As três primeiras possuem as seguintes características tipológicas, boca trilobada onde a espessura ronda, em média os 3mm atingido na zona de inflexão para a pança os 4mm, a qual seria ovoide, o que permite-nos classificá-las como uma possível variante da forma Mayet LXIII¹⁰, na medida em que o tipo de asa não possui, na parte superior, a proteção para que o líquido não vertesse ou salpicasse a mão de quem utilizava este tipo de garrafa. É, no entanto, de sublinhar e ressaltar que o bico trilobado da bilha nº 36, embora seja do mesmo tipo, possui o bordo decorado com uma ranhura diferenciando-o dos outros dois, que entre eles também não são homogêneos. A cronologia deste tipo segundo o investigador espanhol, López Mullor, abrange a época de Augusto até meados do séc. I d.C. Por fim, ao outro bordo devido ao seu tamanho reduzido, não permite a atribuição a um tipo dentro das classificações sobre estes contentores e líquidos.

Fundos/Bases

O primeiro conjunto é constituído por três fragmentos de bases (Figura 1, nºs 13-15), que pertencerão certamente a taças do serviço de mesa, se atendermos ao seu perfil ligeiramente côncavo, que se observa nas duas primeiras. Não nos parece ser descabido poder compará-las com bases que apresentam as taças classificadas como pertencentes à forma Marabini LVII (*supra*). Quanto à terceira, já com perfil plano, poderá pertencer a qualquer outro tipo de taça ou copo, tendo em conta as cronologias apontadas para o espólio que foi analisado.

Quanto aos fundos (Figura 1, nºs 31 e 32), que são

certamente relativos às bilhas que descrevemos como pertencendo à forma Mayet LXIII, fazendo parte, também, do serviço de mesa na medida em que possuímos, e já publicámos, exemplares completos em diferentes congressos que ocorreram no Bombarral (2005), em Setúbal (2006), no Seixal 2010¹¹ e nas Astúrias 2012¹². Por sua vez o fragmento que corresponde à terceira base (Figura 1, nº 33), devido às suas pequenas dimensões, foi por nós considerado como inclassificável.

3. ELEMENTOS AUXILIARES NAS COZEDURAS – SEPARADORES

Pertence a este conjunto um número de 14 NMI que tinham como função distanciar as peças, a serem cozidas no forno da *figlina* do Morraçal de forma a evitar acidentes que pudessem ocorrer durante o tempo necessário para a cozedura.

Em relação a estes suportes destinados às ânforas, que neste caso possuem uma forma troncocônica, já demos à estampa um artigo sobre os mesmos (Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda e Ribeiro, 2017, pp. 66, 77-79) cabendo-nos agora dar conhecimento deste tipo de objetos cerâmicos para peças mais delicadas. Estas com maior facilidade, podiam sofrer acidentes durante a cozedura dando lugar a perdas de rentabilidade dos fornos, neste caso relacionados com o conjunto mais vasto deste espólio que temos vindo a apresentar e a analisar.

Trata-se pois de peças circulares, em forma de anel, mas que possuem um ponto de inflexão, normalmente a meio e logicamente ocas (Figura 2, nºs 40-53).

Ruiz Montes apresentou, no seu último trabalho em 2014 sobre as cerâmicas finas no complexo oleiro de Los Villares de Andújar, diversos tipos de separadores/“distanciadores” (*idem*, pp. 111-121) de vários tipos embora, nos pareça, que apenas um deles, com pastas calcárias poderá servir de paralelo (*idem*, figura 57, primeira coluna, última fila, o primeiro a contar da esquerda). A cronologia deste complexo oleiro da Bética apresenta sérias dificuldades¹³ mas poderemos apontar grosso modo uma diacronia que se irá

10. Forma adicionada à tipologia de Mayet por López Mullor em 1989 e confirmada em 2008, que as denomina como *oinochai*.

11. 2010, publicado em 2017.

12. No prelo.

13. Para aprofundar esta temática veja-se Bustamante Álvarez, 2013.

centrar no terceiro quartel do séc. I d.C., conhecendo a sua produção, uma decadência acentuada no séc. II. Estas diacronias de Los Villares serão muito baixas para estes separadores, na medida em que estas não condizem com as das taças que certamente apoiavam durante a cozedura¹⁴.

Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva também em 1998 e em relação à sua monografia sobre os fornos de ânforas do Pinheiro tinham apresentado dois separadores, com interrogação dos autores, encontrados em horizontes arqueológicos do Alto Império (*idem*, p. 87, e fig. 41 n.ºs 66 e 67).

4. AS PASTAS

As condicionantes técnicas para a manufactura das cerâmicas finas exigiram aos oleiros de Peniche um maior cuidado na escolha e depuração das argilas usadas no fabrico deste tipo de peças. Nota-se assim que as cozeduras a que foram submetidas podiam ser de finalização oxidante ou redutora, sendo esta última utilizada na maior parte das vezes nas taças. A oxidante foi aplicada maioritariamente no caso dos jarros. Alguns casos houve em que as peças se apresentam bicolores, cinzentas por fora e alaranjadas por dentro.

Quanto ao tipo de pastas empregues, realizámos análises com recurso a uma lupa binocular com uma ampliação de 10-20 vezes, o que permitiu identificar dois tipos destintos utilizados nas produções de cerâmicas finas de Peniche:

Pasta tipo A: apresenta características siliciosas com abundantes grãos de quartzo rolado de pequenas dimensões que dão um aspecto granulado às peças. Os quartzos estão presentes nas variantes do defumado, do leitoso, do róseo e do hialino.

Pasta de tipo B: Pastas pouco arenosas, em que os elementos não-plásticos são relativamente pouco abundantes, o que implica uma concentração destes menor da que se observa na pasta A. Os elementos de quartzo que a constituem são idênticos aos que apurámos para o tipo anterior nas variantes do defumado, do leitoso, do róseo e do hialino. Podem aparecer vestígios de margas brancas e amarelas que quando sobrecozidas apresentavam margas com tonalidades que variavam dentro das gamas dos cin-

zentos. Observaram-se ainda óxidos de ferro que variam entre os vermelhos e os castanhos-escuros.

5. AMBIENTES DE RECOLHA

A maioria das peças que apresentamos neste artigo é proveniente da zona de entulheiras que ocupava um espaço aberto a norte do forno 1. Fazem parte do espólio obtido durante as sondagens efectuadas em S1, S1A/ B/ D/ E as quais são apresentadas com os seguintes números: 1, 2, 4-8, 10, 11, 13, 14, 16-18, 21, 22, 25, 26, 29, 31-39, 42-47, 50 e 52 (Cardoso, Rodrigues, Sepúlveda e Ribeiro 2015).

Um segundo conjunto é do ambiente do forno 3, enchimentos após o abandono do forno, área anexa ao corredor do *praefurnium* e *fornax*: 3, 9, 12, 15, 19, 24, 27, 28, 30 e 51.

O terceiro é proveniente da sondagem S15, localizada na zona de entulheiras a nascente de S1: n.ºs 40, 41, 49 e 53.

Em contexto de revolvimento temos uma peça proveniente de S14, a n.º 48, e à superfície do terreno, a n.º 20.

Assim a maioria destas peças são de estratos augustanos a meados do séc. I d.C., localizados a norte e nascente do Forno 1, associados a fragmentos de ânforas dos tipos Peniche 1 a 4 e onde também se recolheu a quase totalidade destes marcados com o selo de *Lucius Arvenius Rusticus*, característico das primeiras produções da *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche.

6. CONCLUSÕES

Através das cronologias obtidas para as cerâmicas finas podemos inferir que os separadores recolhidos nos mesmos estratos terão possivelmente a mesma diacronia, do principado de Augusto ao de Cláudio. Também as características dos ambientes da cozedura consubstanciam a função auxiliar dos separadores através do que podemos observar nas colorações das pastas bicolores – cinzentas nas paredes exteriores e vermelhas pelo exterior.

Estas conclusões são sucintas por não se terem encontrado os fornos onde se cozeram este tipo de cerâmicas.

14. Experiências efetuadas em laboratório, indicaram precisamente diâmetros iguais para as bocas de certas taças e para estes suportes.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa vol. 6:1, pp. 235-286.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2013) – *La terra sigillata hispânica en AVGSTAEMERITA. Estudio tipo cronológico a partir de los vertederos del suburbio norte*. Anejos de AEspa, Mérida.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de (2006) – A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal, pp. 253-278.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de; RIBEIRO Inês (2015) – A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – Última fase de Produção. In QUARESMA, José Carlos; MARQUES, João António Marques (eds.) *Monografias AAP*. Lisboa. 1, pp. 105-116.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de; RIBEIRO Inês (2016) – Production during the Principate in Peniche (Portugal). Raw materials, kilns and amphora typology. In PINTO, Inês Vaz, ALMEIDA, Rui Roberto de, MARTIN, Archer (eds.), *Lusitanian amphorae: Production and distribution*. Exeter: Roman and late Antique Mediterranean Pottery 10, pp. 3-17.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de; RIBEIRO, Inês (2017) – A olaria romana do Morraçal da Ajuda: estruturas de produção. In FABIÃO, Carlos, RAPOSO, Jorge, GUERRA, Amílcar, SILVA, Francisco, eds. *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa, Seixal, Almada, pp. 049-088.
- LÓPEZ MULLOR, Alberto (1990) – *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Barcelona.
- LÓPEZ MULLOR, Alberto (2008) – Las cerámicas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares. In BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Alberto (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, RCRF, XXVI, pp. 343-383.
- MARABINI MOEVS, Maria Teresa (1973) – *The Roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. Memoirs of the American Academy in Rome. Roma. XXXII.
- MARTÍN HERNANDEZ, Esperanza; RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán (2008) – Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental, In BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Alberto (eds.) *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, RCRF, XXVI, pp. 385-406.
- MAYET, Françoise (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: CNRS.
- MAYET, Françoise (1976) – Céramiques à parois fines. In ALARCÃO, Jorge; ETTIENNE, Robert, eds. – *Fouilles de Conimbriga. Céramiques diverses et verres*. Paris. VI, pp. 385-406.
- MAYET, Françoise; SILVA Carlos Tavares da (1998) – *L'Atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris.
- MORAIS, Rui (2005) – *Autarcia e comercio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial, contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Barcelos: Universidade do Minho.
- MORAIS, Rui (2010) – Cerâmica de paredes finas. In ALARCÃO, Jorge; CARVALHO, Pedro; GONÇALVES, Ana (eds.) – *Castelo de Lousa – Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida. *Studia Lusitana*, 5, pp. 153-172.
- NOLEN, Jeannette (1976-77) – Alguns fragmentos de paredes finas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3. Setúbal, pp. 423-454.
- NOLEN, Jeannette (1985) – *Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa.
- NOLEN, Jeannette (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa.
- PASSELAC, Michel (1993) – Les céramiques à parois fines. In PY, Michel, ed. *Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale*. Lattes. *Lattara*, 6, pp. 511-521.
- RICCI, A. (1985) – Ceramica a pareti sottili. In V.V. A.A. – *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (tardo Ellenismo e primo Impero)*. Roma, pp. 241-353 e Tavole.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán (1996a) – *Materiales de un alfar emeritense: Paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Mérida. Cuadernos Emeritenses. 11.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán (1996b) – La cerámica de “Paredes finas”, en los talleres emeritenses. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid, tome XXXII, pp. 139-179.
- RUIZ MONTES, Pablo (2014) – *Romanización y producción de cerámicas finas en las áreas periféricas de la Bética. Factores de implantación, comercio y desarrollo técnico en el suburbium artesanal de Isturgi Triumphale (Los Villares de Andújar, Jaén) (ss. I-II d.n.e)*. BAR International Series 2642, Oxford.
- SEPÚLVEDA, Eurico; SOUSA, Elvino Melim de; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2003) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6, nº 2, pp. 383-399.
- SEPÚLVEDA, Eurico; BOLILA, Catarina; FERREIRA, Marisol [em preparação] – Cerâmicas de paredes finas de Alcácer do Sal.

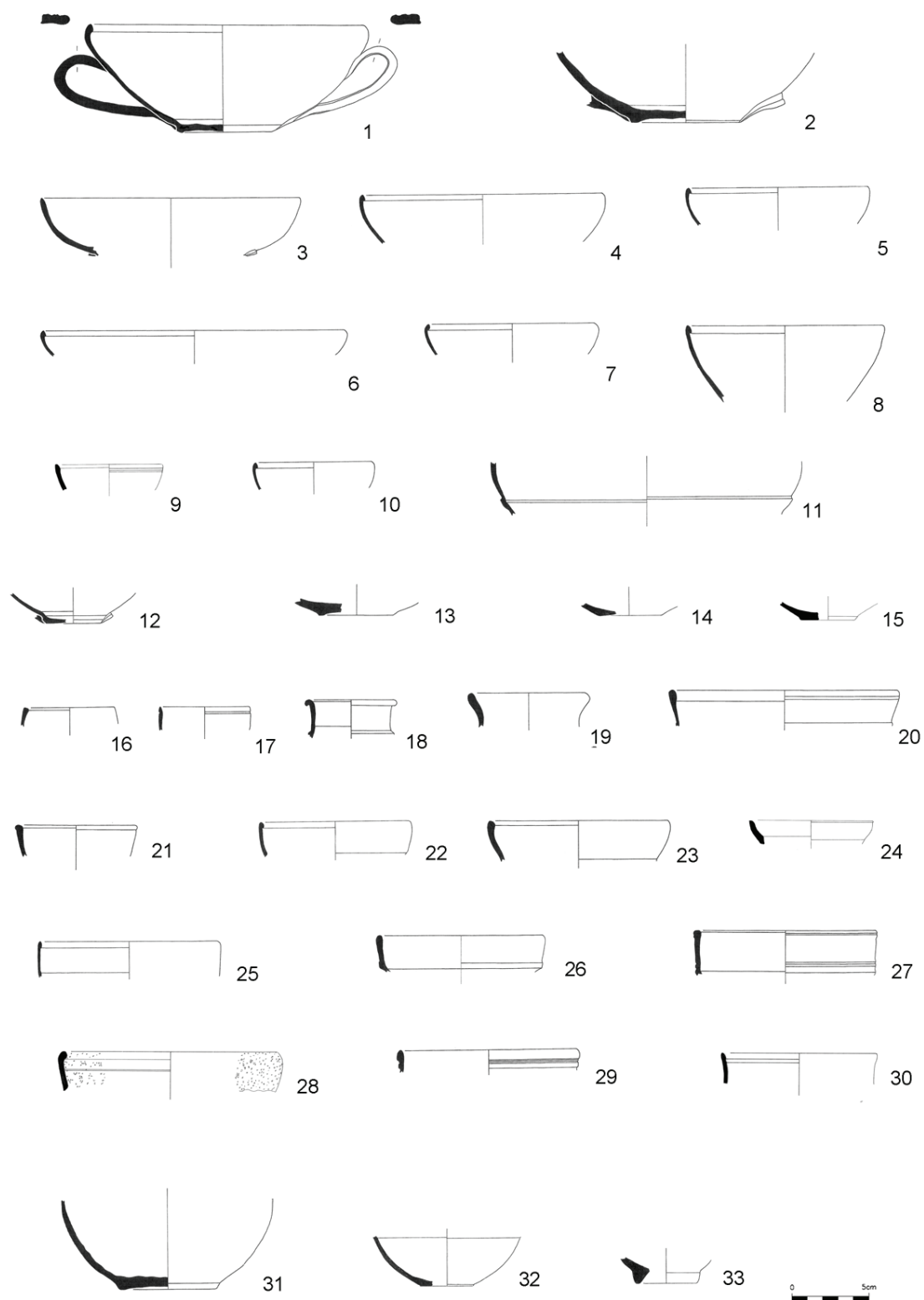


Figura 1 – Cerâmica de paredes finas, nº 11; cerâmicas finas, as restantes.

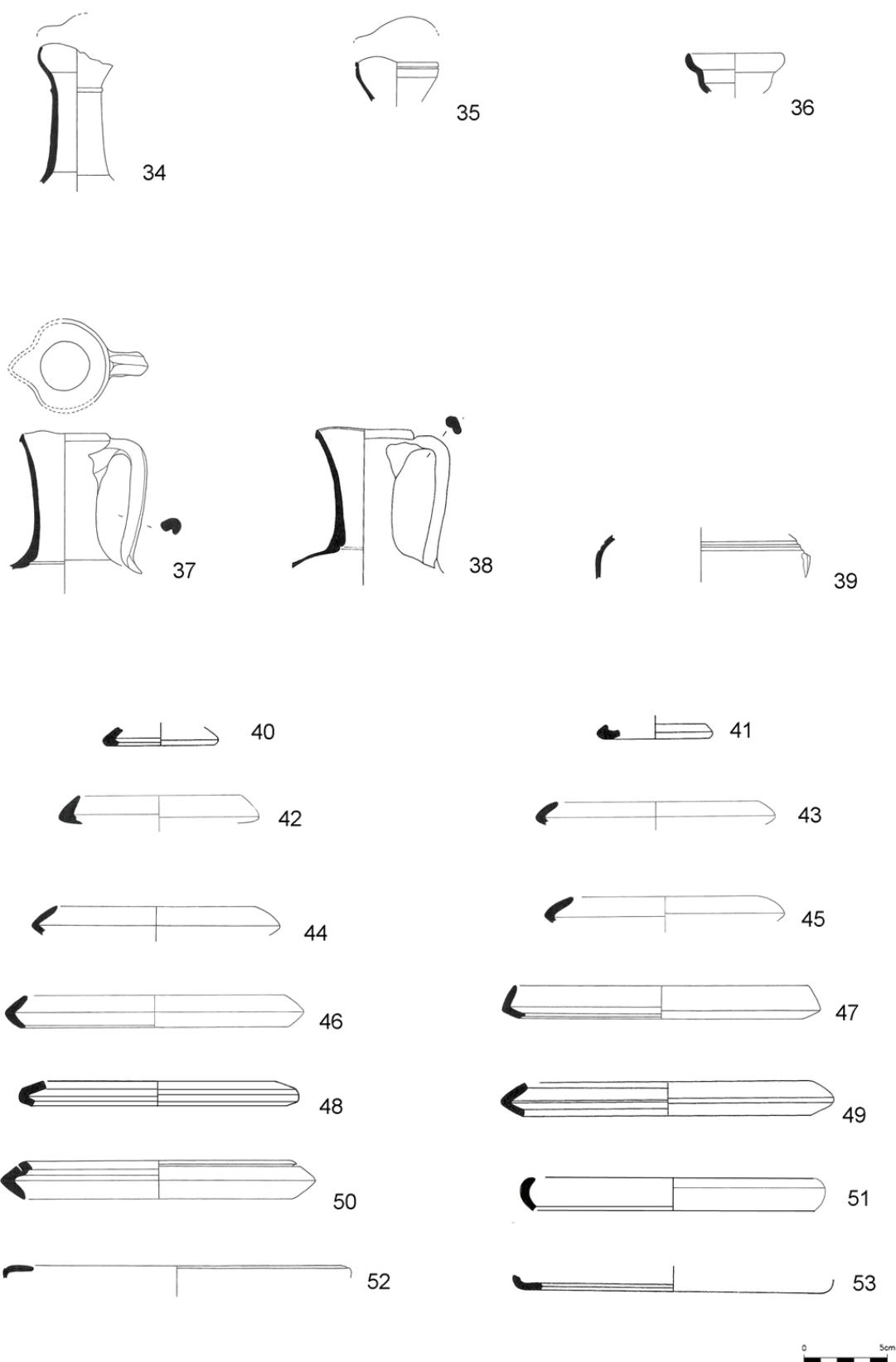


Figura 2 – n.ºs 34-39, cerâmicas finas; n.ºs 40-53, separadores.

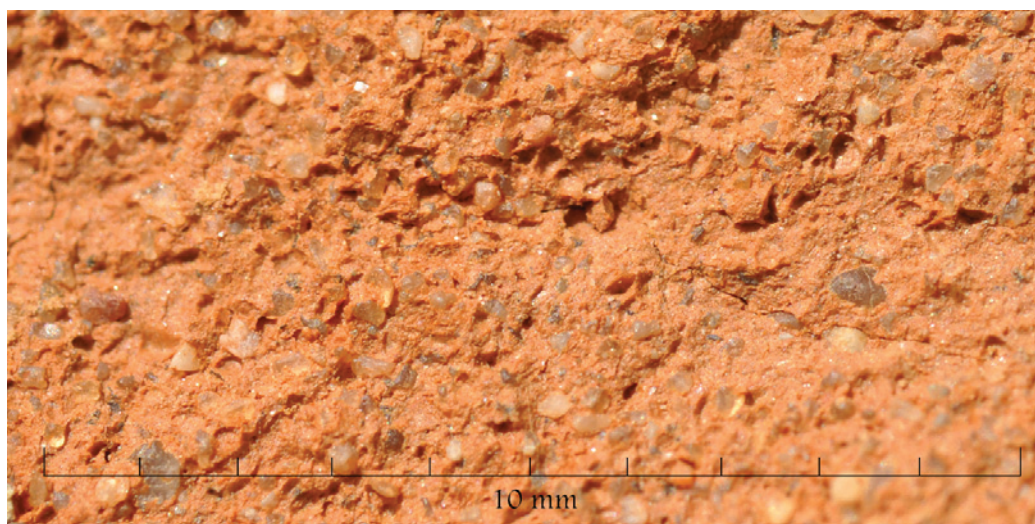


Figura 3 – Fotografia macro de uma peça, de cozedura oxidantes, fabricada com a pasta do tipo A, de Peniche.

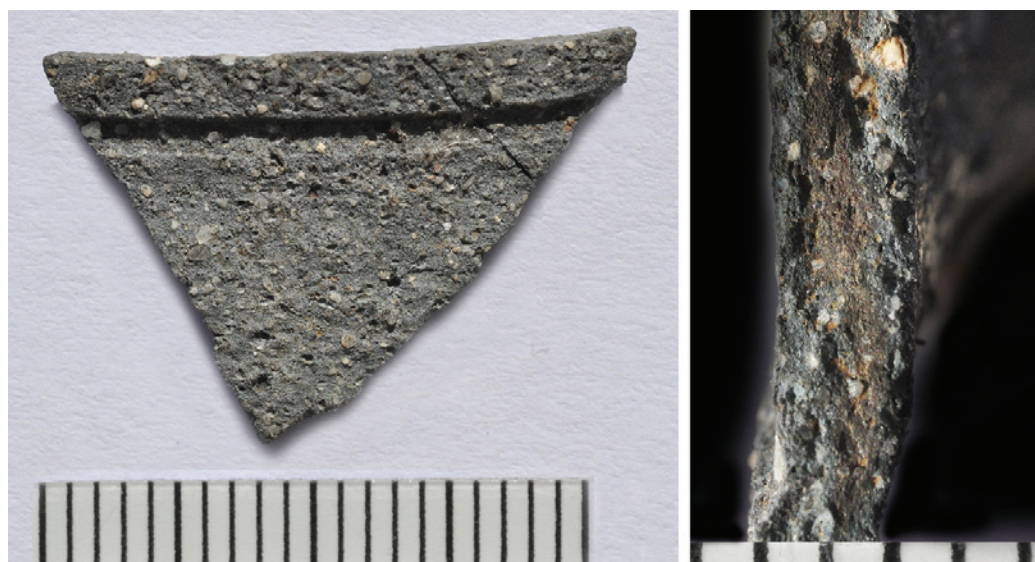


Figura 4 – Pormenores de fragmento de taça fina de cozedura redutora, fabricada com a pasta do tipo A, de Peniche.



Figura 5 – Pormenores de fragmento de taça fina de cozedura oxidante, fabricada com a pasta do tipo A, de Peniche.

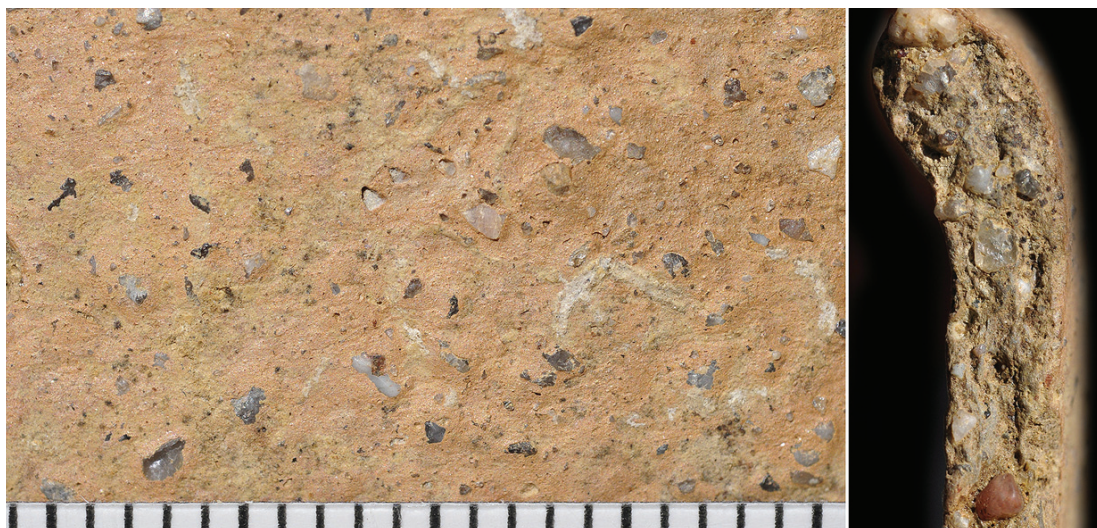


Figura 6 – Pormenores de fragmento de taça fina, fabricada com a pasta do tipo A, de Peniche.

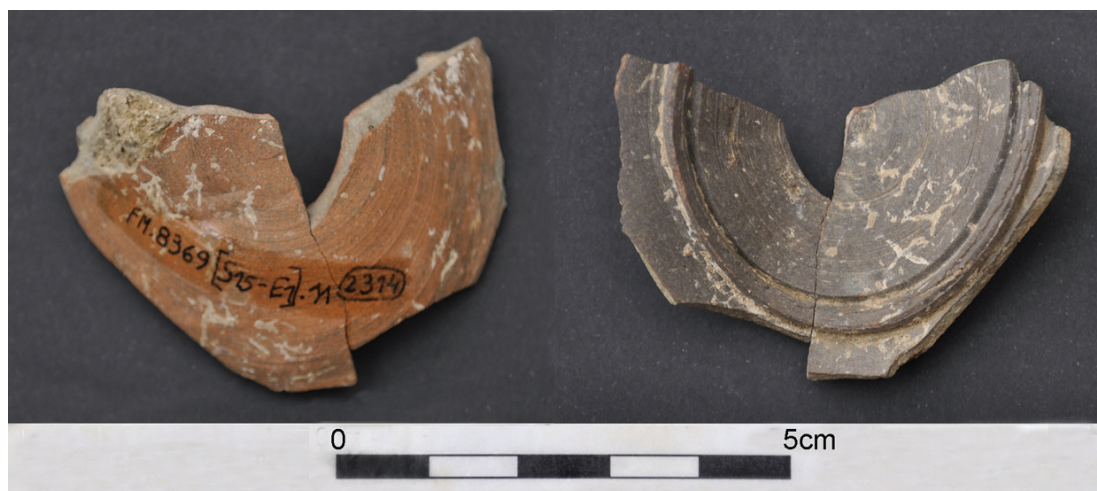


Figura 7 – Fragmento de fundo de taça (?) deformada pelo calor que apresenta cores distintas entre a parede exterior e a interior, fabricada com a pasta do tipo B, de Peniche.



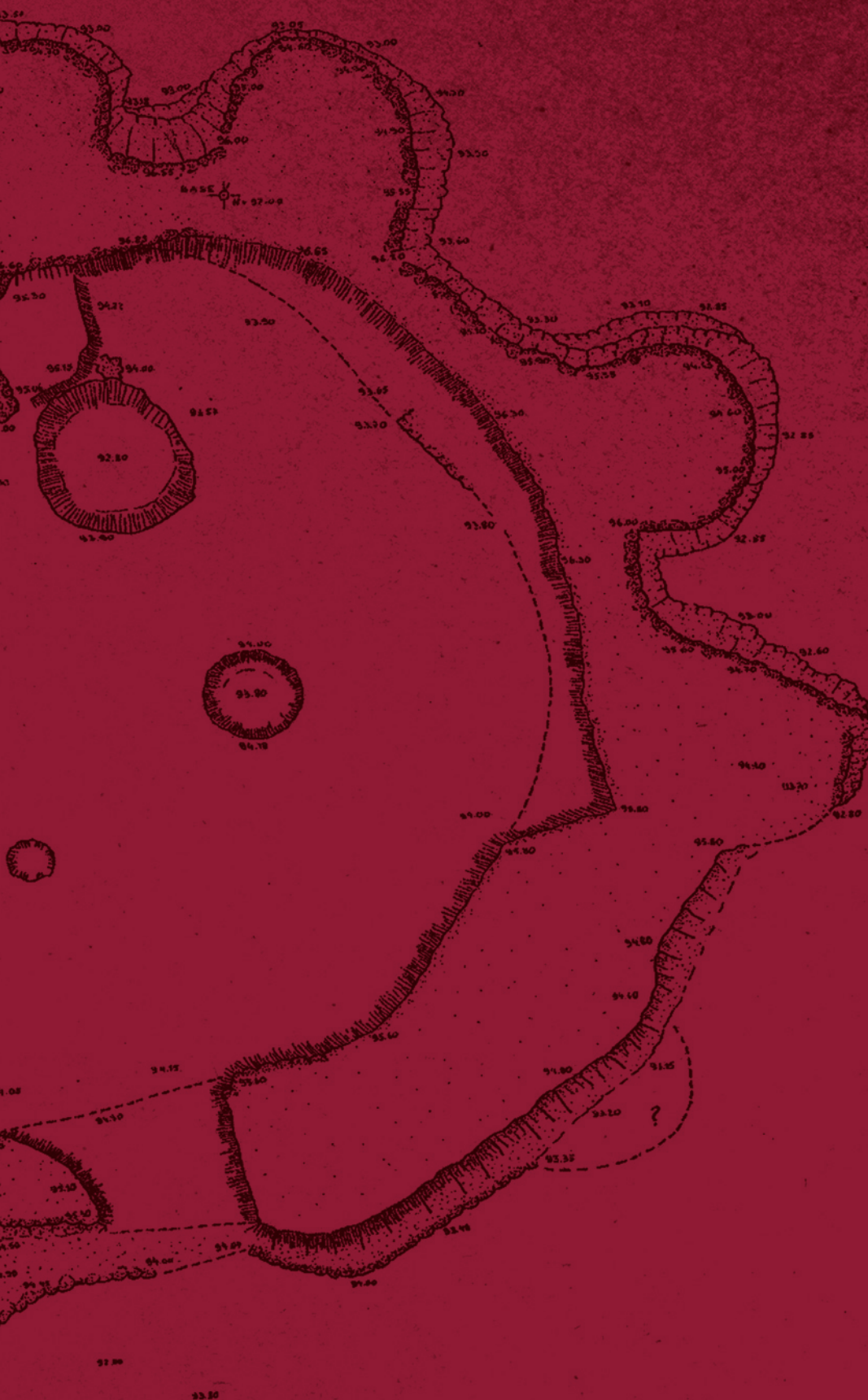
Figura 8 – Fragmento de separador bicolor, fabricada com a pasta do tipo B, de Peniche.



Figura 9 – Fragmento de separador bicolor, fabricada com a pasta do tipo B, de Peniche.



Figura 10 – Taça de duas asas, invertida, sobre fragmento de separador bicolor.



Patrocinador oficial

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

U FLUL
LISBOA
LETRAS
LISBOA

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP**